



SOU IMORTAL E A GUERRA É SEXY

Miúdas, ou machos sensuais, “vestidos de guerreiros” e dispostos a satisfazer as nossas fantasias, a possibilidade de termos muitas vidas e o conforto do sofá, sinceramente entram em contradição com aquilo que a guerra efectivamente é: feia, porca e má e frequentemente fatal, sem margem para erros. Fome, parasitas, calças borradas (literalmente), fracturas expostas, frio constante que nos impede de dormir, o som daqueles que gemem com as entranhas expostas e a nossa incapacidade de dar a volta a coisas que nos transcendem, corpos despedaçados e o cheiro que vem deles, a cobardia, a estupidez absurda de alguns ou de muitos, ordens sem sentido, razões aberrantes para nos pôr a nossa vida em risco e que nos fazem matar outros seres, stress pós-traumáticos para alguns que nunca mais serão pessoas “normais”, o som de uma bala a atingir alguém e o rosto dele que nos vai ficar a assombrar os sonhos e a nossa consciência, o quente e cheiro do nosso sangue ou do inimigo que acabamos de matar ou executar e a ganância de alguns que nos repugna e nos leva a perguntar se não estaremos do lado errado da barricada ... Podia estar o dia todo nisto para provar o quanto é um sinal triste de alienação pensar na guerra como algo desejável, aquilo que os nossos jovens vem na tv e nos jogos de computador e que alguns adultos andam a brincar como se fossem “cowboys” ou “rambos”, e que julgam atraente.

Nada mais importante que evitar uma guerra e se ela tem de ser travada preparem-se para o pior.

A nossa sociedade de consumo e os estrategas que precisam de carne para canhão, vão debitando, gota a gota, numa lenta mas constante hipnose e programação mental, mensagens que vão achando em nós ressonância, porque na realidade ainda não vivemos, embora julguemos que sim, a brutalidade absurda da guerra. Se a guerra tem algo de positivo é o de nos mostrar aquilo que devemos evitar e no meio disso extrair para nosso proveito os mecanismos que nos possam ser úteis para o futuro, enquanto pessoas e sociedade.

Não sou pacifista e a ideia do pacifismo é claramente uma visão errada face a uma agressão que tem de ser ultrapassada, mas ultrapassar não é ser reactivo mas sim activo. Quando falo que a ideia de acção / reacção, que tão frequentemente nos é transmitida por alguns professores de Artes Marciais, é um principio errado quero dizer que perante uma acção aquele que é objecto dessa acção só deve reagir se não tiver uma estratégia própria e se quiser ser absorvido pelas intenções de quem age. Acção perante à acção não é reacção, mas agir com autonomia perante os desígnios do outro. É esta visão que faz a diferença do que é um princípio estratégico e o ir ao sabor dos acontecimentos.

No estudo do Heiho, dentro das Artes Marciais, e nomeadamente naquilo que designamos por Koryu, valorizamos o conhecimento e a capacidade de discernir com clareza perante as acções e daí evitar de nos tornarmos consumidores de visões que podem parecer interessantes e convidativas, e que o são porque foi estudado o efeito delas na psique de quem as recebe.

O homem ou a mulher do Koryu tem de ter uma blindagem perante as estratégias dos outros, tem de ser capaz de ver para além do apetecível e entender que quanto mais apetecível, mais perigoso. Um dos



葡萄牙
武芸
連盟
ASSOCIAÇÃO
BUGEI
DE
PORTUGAL

LUIS MANUEL VIEIRA DOS SANTOS

treinos que se faz é de contrariar apetites de forma a nunca estarmos dependentes de desejos. Por exemplo o sexo é um dos assuntos que se fala pouco no âmbito das Artes Marciais, mas era uma arma na mão do trabalho daquilo que é o Heiho e o ninjutsu. Seguia regras e técnicas muito próprias que se associavam a conhecimentos de anatomia, psicologia e outras artes. Saber seduzir e nunca ficar preso nas teias da sedução era uma arte que o verdadeiro guerreiro(a) devia dominar.

Lisboa, 10 de Agosto de 2014